



INFORMATIVO APOEMA

www.apoema.com.br

ANO 3 - VOL 96- 08/ABR-2011

Educação Ambiental requer mudanças no sistema de ensino

Berenice Gehlen Adams

Meu interesse pela Educação Ambiental vem desde 1992, ano em que parei de lecionar para me dedicar à família e a outra atividade profissional. Uma profunda reflexão acerca da educação e do meio ambiente, primeiro como mãe, segundo como cidadã e terceiro como educadora, levou-me a este interesse. Quanto mais buscava e pesquisava, mais abrangente tornava-se o assunto. Foi então que percebi o por que de a Educação Ambiental ser um tema tão envolvente e interdisciplinar.

Passados praticamente 20 anos, os atuais sistemas educacionais ainda demonstram ineficiências, porque muitas crianças: continuam aprendendo a ser competitivas e consumidoras em potencial; têm medo de errar; memorizam conteúdos ao invés de assimilar e compreender; perdem o interesse pela escola; realizam atividades escolares sem motivação, etc. Isto acontece pela maneira como a escola está secularmente estruturada: para “cobrar” conhecimentos, para “cobrar” disciplina, para “cobrar” aprendizagem. Isto não quer dizer que não seja importante avaliar, nem que não se deva trabalhar conteúdos, mas sim, que a forma como estamos fazendo a educação não envolve nossos discentes em seus próprios processos de aprendizagem.

“Se pretendemos que a escola forme indivíduos com capacidade de pensar por si mesmos, de encontrar sentido no mundo em

que vivem, de desenvolver sua capacidade de intervenção na realidade global e complexas, temos de adequar a educação para esses fins, e isso só é possível mediante uma mudança tão radical quanto difícil” (DIAZ, 2000, p.82).

É preciso que tenhamos um novo olhar sobre o ato de educar e somente o alcançaremos após repensar e rever nossa ação educativa. A partir daí poderemos aprofundar nosso olhar educacional em direção ao ambiente elaborando uma proposta de ensino que trabalhe com redes conceituais interconectadas, que proporcionem o despertar de uma visão globalizante, nos educandos.

“Entre os vários aspectos negativos da atual educação ministrada no Brasil, ressalta o fato de ela não desenvolver no estudante os esquemas mentais que estabelecem a relação dialética das diferentes áreas de estudos entre si e também destas com a realidade social em que vivemos. O estudo da ecologia, enquanto ‘ciência pura’, de quase nada adianta se não relacionada com os demais campos da ciência, porque ela não leva necessariamente a uma visão globalizante, dinâmica e sistêmica das coisas, isto é, a uma visão ‘ecopolítica’” (SCHINKE, 1986, p.153).

A escola, portanto, deve preparar-se para mudanças em seu sistema de ensino para desenvolver novas práticas educacionais que interajam com a vida dos educandos e suas relações, promovendo atividades significativas que os sensibilizem e os reconectem com a vida, além de promover apenas o desenvolvimento de suas aptidões cognitivas.



OS DEZ MANDAMENTOS DA ECOLOGIA

(Ecléa Bosi)

- 01 - Ama a Deus sobre todas as coisas e a natureza como a ti mesmo
- 02 - Não defenderás a natureza em vão com palavras, mas através de teus atos
- 03 - Guardarás as florestas virgens, pois tua vida depende delas
- 04 - Honrarás, a flora, a fauna, todas as formas de vida, e não apenas a humana
- 05 - Não matarás
- 06 - Não pecarás contra a pureza do ar deixando que a indústria suje o que a criança respira
- 07 - Não furtarás da terra a sua camada de húmus, raspando-a com o trator, condenando o solo à esterilidade
- 08 - Não levantarás falso testemunho dizendo que o lucro e o progresso justificam teus crimes
- 09 - Não desejarás para teu proveito que a fonte e os rios se envenenem com o lixo industrial
- 10 - Não cobiçarás objetos e adornos para cuja fabricação é preciso destruir a paisagem: a terra também pertence aos que ainda estão por nascer.

Fonte:

<http://www.preservacaolimeira.com.br>



O BICHO

(Manuel Bandeira)

Vi ontem um bicho
na imundície do pátio
catando comida entre os
detritos.
Quando achava alguma
coisa,
não examinava nem
cheirava:
engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
não era um gato,
não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um
homem.

“A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida”.

(Carta da Terra)

Cai no mundo e não sei como voltar - trechos - Eduardo Galeano

O que acontece comigo é que não consigo andar pelo mundo pegando coisas e trocando-as pelo modelo seguinte só por que alguém adicionou uma nova função ou a diminuiu um pouco...

Não faz muito, com minha mulher, lavávamos as fraldas dos filhos, pendurávamos na corda junto com outras roupinhas, passávamos, dobrávamos e as preparávamos para que voltassem a serem sujas.

E eles, nossos nenês, apenas cresceram e tiveram seus próprios filhos se encarregaram de atirar tudo fora, incluindo as fraldas. Se entregaram, inescrupulosamente, às descartáveis!

Sim, já sei. À nossa geração sempre foi difícil jogar fora. Nem os defeituosos conseguíamos descartar! E, assim, andamos pelas ruas, guardando o muco no lenço de tecido, de bolso.

Nããão! Eu não digo que isto era melhor. O que digo é que, em algum momento, me distraí, caí do mundo e, agora, não sei por onde se volta.

O mais provável é que o de agora esteja bem, isto não discuto. O que acontece é que não consigo trocar os instrumentos musicais uma vez por ano, o celular a cada três meses ou o monitor do computador por todas as novidades.

Guardo os copos descartáveis! Lavo as luvas de látex que eram para usar uma só vez.

Os talheres de plástico convivem com os de aço inoxidável na gaveta dos talheres! É que venho de um tempo em que as coisas eram compradas para toda a vida!

E mais! Se compravam para a vida dos que vinham depois! A gente herdava relógios de parede, jogos de copas, vasilhas e até bacias de louça (...)

Nos estão incomodando! Eu descobri! Fazem de propósito! Tudo se lasca, se gasta, se oxida, se quebra ou se consome em pouco tempo para que possamos trocar. Nada se arruma. O obsoleto é de fábrica.

Aonde estão os sapateiros fazendo meia-solas dos tênis Nike? Alguém viu algum colchoeiro encordoando colchões, casa por casa? Quem arruma as facas elétricas? O afiador ou o eletricista?

Tudo se joga fora, tudo se descarta e, entretanto, produzimos mais e mais e mais lixo. Outro dia, li que se produziu mais lixo nos últimos 40 anos que em toda a história da humanidade.

Quem tem menos de 30 anos não vai acreditar: quando eu era pequeno, pela minha casa não passava o caminhão que recolhe o lixo! Eu juro! E tenho menos de ... anos! Todos os descartáveis eram orgânicos e iam parar no galinheiro, aos patos ou aos coelhos (e não estou falando do século XVII). Não existia o plástico, nem o nylon (...)

Desse tempo venho eu. E não que tenha sido melhor... É que não é fácil para uma pobre pessoa, que educaram com "guarde que alguma vez pode servir para alguma coisa", mudar para o "compre e jogue fora que já vem um novo modelo".

Troca-se de carro a cada 3 anos, no máximo, por que, caso contrário, é um pobretão. Ainda que o carro que tenha esteja em bom estado... E precisamos viver endividados, eternamente, para pagar o novo!!! Mas... por amor de Deus! (...)

E a mim que me prepararam para viver com o mesmo número, a mesma mulher, e o mesmo nome (e vá que era um nome para trocar). Me educaram para guardar tudo. Tuuuudo! O que servia e o que não servia. Por que, algum dia, as coisas poderiam voltar a servir.

Acreditávamos em tudo. Sim, já sei, tivemos um grande problema: nunca nos explicaram que coisas poderiam servir e que coisas não. E no afã de guardar (por que éramos de acreditar), guardávamos até o umbigo de nosso primeiro filho, o dente do segundo, os cadernos do jardim de infância e não sei como não guardamos o primeiro cocô.

Como querem que entenda a essa gente que se descarta de seu celular a poucos meses de o comprar? Será que quando as coisas são conseguidas tão facilmente, não se valorizam e se tornam descartáveis com a mesma facilidade com que foram conseguidas? (...)

Tuudo guardávamos! Enquanto o mundo espremia o cérebro para inventar acendedores descartáveis ao término de seu tempo, inventávamos a recarga para acendedores descartáveis. E as Gillette até partidas ao meio se transformavam em apontadores por todo o tempo escolar. E nossas gavetas guardavam as chavezinhas das latas de sardinhas ou de corned-beef, na possibilidade de que alguma lata viesse sem sua chave (...)

Os jornais!!! Serviam para tudo: para servir de forro para as botas de borracha, para por no piso nos dias de chuva e por sobre todas as coisa para enrolar.

Às vezes sabíamos alguma notícia lendo o jornal tirado de um pedaço de carne! E guardávamos o papel de alumínio dos chocolates e dos cigarros para fazer guias de enfeites de natal, e as páginas dos almanaques para fazer quadros, e os conta-gotas dos remédios para algum medicamento que não o trouxesse, e os fósforos usados por que podíamos acender uma boca de fogão (Volcán era a marca de um fogão que funcionava com gás de querosene) desde outra que estivesse acesa, e as caixas de sapatos se transformavam nos primeiros álbuns de fotos e os baralhos se reutilizavam, mesmo que faltasse alguma carta, com a inscrição a mão em um valete de espada que dizia "esta é um 4 de paus".

As gavetas guardavam pedaços esquerdos de prendedores de roupa e o ganchinho de metal. Ao tempo esperavam somente pedaços direitos que esperavam a sua outra metade, para voltar outra vez a ser um prendedor completo.

Eu sei o que nos acontecia: nos custava muito declarar a morte de nossos objetos. Assim como hoje as novas gerações decidem 'matá-los' tão logo aparentem deixar de ser úteis, aqueles tempos eram de não se declarar nada morto: nem a Walt Disney!!! (...)

E me mordo para não fazer um paralelo entre os valores que se descartam e os que preservávamos. Ah!!! Não vou fazer!!!

Morro por dizer que hoje não só os eletrodomésticos são descartáveis; também o matrimônio e até a amizade são descartáveis. Mas não cometerei a imprudência de comparar objetos com pessoas.

Me mordo para não falar da identidade que se vai perdendo, da memória coletiva que se vai descartando, do passado efêmero. Não vou fazer.

Não vou misturar os temas, não vou dizer que ao eterno tornaram caduco e ao caduco fizeram eterno.

Não vou dizer que aos velhos se declara a morte apenas começam a falhar em suas funções, que aos cônjuges se trocam por modelos mais novos, que as pessoas a que lhes falta alguma função se discrimina o que se valoriza aos mais bonitos, com brilhos, com brilhantina no cabelo e glamour.

Esta só é uma crônica que fala de fraldas e de celulares. Do contrário, se misturariam as coisas, teria que pensar seriamente em entregar à 'bruxa', como parte do pagamento de uma senhora com menos quilômetros e alguma função nova. Mas, como sou lento para transitar este mundo da reposição e corro o risco de que a 'bruxa' me ganhe a mão e seja eu o entregue...

* Jornalista e escritor uruguaio

Leia o texto na íntegra em:

<http://richardjakubaszko.blogspot.com/2011/02/cai-no-mundo-e-nao-sei-como-voltar.html>



"A única afirmação que todos concordam, ou pelo menos a maioria dos educadores e ambientalistas que conheço, é que a Educação Ambiental é um processo educacional permanente"(Bere Adams).

www.apoema.com.br
www.revistaea.org
www.amigosdanatureza.net
<http://projetoapoema.blogspot.com/>
<http://www.amigosdanatureza.net/apoema/>

Informativo elaborado por:

Projeto Apoema: www.apoema.com.br
Edição: Berenice Gehlen Adams
Jornalista Resp.- Alice Gehlen Adams
Mtb 12690
Contato: bere@apoema.com.br